

Texas

1867

— Mais um movimento e será o seu fim, senhora.

A voz grave atravessou o nevoeiro e alcançou os ouvidos da mulher que cochilava. Ao mesmo tempo, ela tomou consciência dos membros dormentes, da garganta seca e do suor escorrendo por entre os seios. Uma arma foi engatilhada.

Tess congelou.

E ela achava que as coisas não poderiam piorar...

Lentamente, sem ousar respirar, abriu os olhos e viu um par de botas de pele de cobra, empoeiradas, a um metro e meio do banco de pedra onde estava deitada. Seu olhar acompanhou a figura esbelta que trajava calça preta e camisa azul-clara. Os quadris eram estreitos, os ombros largos. Viu também que havia uma espingarda apontada para o seu peito.

Uma visão nem um pouco confortável.

Sob um grande chapéu preto, olhos claros da cor do céu de inverno a fitavam através da mira de uma arma.

— Aqui está o meu dinheiro. Pode levar — balbuciou ela, engolindo em seco, enquanto pegava a bolsa.

Tess apertou os olhos.

O estampido quebrou o silêncio. Seus ouvidos tiniram. Fragmentos de pedregulhos atingiram seus braços, pernas e cabeça. Sentiu o gosto da pólvora.

Algo macio caiu em suas pernas, retorcendo-se e roçando sua pele, com um brilho dourado e preto.

Uma cobra tinha se enroscado em sua saia.

— Oh! — gritou ela. — Tire isso de cima de mim!

A criatura deslizou pelas pedras até o chão e ali ficou, formando um rolo cor de areia com diamantes negros ao longo do corpo. Parecia morta. E sem cabeça.

Tess estremeceu. Seu coração batia como se ela tivesse corrido milhas e milhas.

Com um pontapé, o homem lançou para longe o animal peçonhento.

Uma cascavel.

Sem fôlego e transpirando muito, Tess olhou para o desconhecido.

— O senhor quase me matou de susto! Não sabe que é perigoso disparar perto de pessoas?

Com um dedo, ele ergueu a aba do chapéu. Por um instante, Tess ficou atônita ao ver os traços fortes daquele rosto bronzeado.

Misericórdia! Nunca a visão de um homem bonito a impressionara tanto a ponto de deixá-la naquele estado! Sentia-se estranhamente... vulnerável.

— Você não tem nada melhor para fazer do que ficar aqui neste lugar? — disse rudemente o estranho. — Seus olhos azuis contrastavam com as sobrancelhas escuras.

— Estou esperando uma pessoa — respondeu ela, sem jeito. Seu noivo.

Tess sentiu algo estranho no estômago. A única coisa que avistava naquela encruzilhada onde a diligência a havia deixado era aquele homem e o cabriolé que ele trouxera até ali enquanto ela dormitava.

Impossível... Ela havia se preparado para ver alguém gordo e careca, ou velho e feio, qualquer coisa, contanto que fosse educado e amável, é claro. Jamais imaginara se deparar com aquele epítome da beleza masculina.

Sentiu o desabrochar de várias emoções em seu íntimo, como brotos de plantas após uma chuva de primavera. Afastou os cabelos para trás e ajustou o chapéu. Após três dias de viagem sob o sol escaldante, devia estar com uma aparência horrível.

O recém-chegado tirou o chapéu, revelando cabelos escuros e bem penteados. Sua expressão era de constrangimento.

— Senhora! — O timbre grave da voz fez com que ela sentisse um arrepio descendo pelas costas. — A senhora é noiva, sra. Dalton?

— Sim — ela conseguiu sussurrar.

Ele a olhou de cima a baixo.

— Diabos! — Bateu o chapéu para tirar a poeira. — O que Tom Wilkins estava pensando? — Ele balançou a cabeça. — Minha cara, isso não vai dar certo.

As emoções que Tess sentira pouco antes desapareceram diante da frieza do olhar daquele estranho. Ela engoliu em seco outra vez.

— Quer dizer que o senhor é...

— Jake Redmond, senhora.

Era o nome que estava no contrato que ela trazia na bolsa.

Tess ficou desapontada. Pelo olhar dele, percebeu que não tinha nenhum interesse nela. Era uma realidade difícil de enfrentar, mas ela não estava surpresa. Não era a primeira vez que isso acontecia. Sua

mãe já dizia que Pete tinha se casado com ela apenas para fazer parte da empresa da família.

— Entendo — disse com dificuldade.

Ele desviou o olhar para a paisagem, como se esperasse alguma mudança positiva num segundo olhar.

— Desculpe, senhora, mas acho que perdeu a viagem.

A voz pausada e o jeito como ele falava era como uma carícia; Tess tinha vontade de ronronar e se deitar de barriga para cima, como uma gata dengosa. Sem dúvida, o tom de voz dele amenizava as palavras ásperas, mas era muita arrogância! Se ele precisava mandar vir uma esposa de longe, era porque também não devia ser lá grande coisa como partido!

Ela respirou fundo, tentando se controlar. Sua vida acabava de tomar um novo rumo, afinal. Para começo de conversa, ela não queria se casar. Ela queria ir para San Antonio encontrar-se com Albert. E quase conseguira.

— Eu não vou reembolsar o preço da passagem — disse ela, fitando-o nos olhos.

— Claro que não, senhora — disse ele, surpreso. — Nem me passou pela cabeça pedir-lhe isso.

Ainda bem, porque ela tinha perdido todo o dinheiro em Nova York.

— O senhor vai pagar minha passagem para San Antonio. O senhor me deve isso.

— Claro, senhora — ele concordou, com o rosto ruborizado. Olhou para o céu e de volta para Tess. — A diligência chega só na quarta-feira.

— Quarta-feira? Daqui a quatro dias?

As pernas de Tess fraquejaram, e ela quase se deixou cair sentada no chão, porém ergueu-se rapidamente quando se lembrou da cobra.

— Sim, senhora. — Ele a olhava como se ela fosse um animal selvagem.

— Ótimo.

— Como disse, senhora?

Tess olhou para ele e percebeu que havia pensado alto.

— Ótimo, sr. Redmond. Eu disse *ótimo*. Primeiro o senhor se atrasa, depois faz aquela cena horrorosa e por fim deixa bem claro que não sou do seu agrado. Se ao menos o senhor tivesse sido pontual e estivesse aqui me esperando quando cheguei, como deveria, eu teria prosseguido e a esta hora já estaria em San Antonio. Em vez disso, estou aqui neste fim de mundo. Não é ótimo?

Ela pegou sua velha mochila de couro e desceu por uma trilha castigada pelo sol.

— Tenha um bom dia, sr. Redmond.

— Aonde a senhora vai?

— Para San Antonio. E o senhor deveria me agradecer por estar lhe economizando o custo de mais um bilhete.

— Droga — ele praguejou por entre os dentes e correu atrás dela, tentando detê-la. — São oitenta quilômetros, até lá!

Tess olhou bem para aqueles lindos olhos azuis e teve vontade de chorar de decepção. O que estava acontecendo com ela? Casar-se com um desconhecido era a última coisa que ela queria. Fazia tão pouco tempo que ela achava que não conseguiria fugir das ruas de Nova York, e agora estava a menos de cem quilômetros de Albert, sem necessidade de fazer nenhum sacrifício extremo.

Essa última reviravolta deveria tê-la feito dançar de alegria e não simplesmente se sentir como se tivesse perdido uma moeda de um centavo e achado uma de cinquenta.

— Desculpe, sr. Redmond — disse, enquanto sinalizava para ele não interferir na sua decisão. — Se quiser chegar ainda hoje em San Antonio, acho que devo começar a... andar. Pôr o pé na estrada. Não é assim que vocês falam?

— Nós?

— Sim, vocês, texanos. O fazendeiro que viajava na diligência falava assim o tempo todo. — Tess imitou o sotaque arrastado de seu companheiro de viagem: — “Nós temos de pôr o pé na estrada se quisermos chegar lá hoje.”

Ela desviou-se de Jake, mas novamente ele bloqueou sua passagem.

— Com licença, senhor — ela falou por entre os dentes.

— A senhora não vai conseguir chegar lá de dia. Sinto muito, mas é melhor ficar na minha fazenda. Na quarta-feira eu a trago de volta para pegar a diligência.

Ah! Então ele não a queria como esposa, mas queria levá-la para casa? Será que ele pensava que ela era ingênua àquele ponto?

— Não, obrigada — murmurou, passando por ele para seguir em frente.

O sol batia forte em suas costas, fazendo-a transpirar.

— Senhora? Sra. Dalton? Tome cuidado com as cobras.

Instintivamente, Tess estremeceu e olhou para trás, insegura.

Jake meneou a cabeça.

Ela soltou a mochila e colocou as mãos na cintura.

— O senhor está tentando me assustar? Acho que o senhor é o único réptil por aqui.

As feições de Jake Redmond endureceram, e parecia que seus olhos emitiam faíscas azuis. Certamente ela havia conseguido perturbar aquela irritante calma.

— Não adianta argumentar, sra. Dalton. Não deixarei que vá a pé até San Antonio. Está decidido.

Tess sentiu uma estranha sensação de alívio. Aquele homem ficava ainda mais bonito quando estava irritado. No fundo, ele tinha razão. Ela podia estar muito contrariada, mas não era nenhuma idiota. Andar oitenta quilômetros seria como ir a pé de Londres até Dover. Não tentaria fazer isso na Inglaterra, onde conhecia o país e seus perigos. Com muita sorte, debaixo daquele sol estorricante, conseguiria andar cinquenta metros antes de derreter. Além do mais, não estava disposta a andar no escuro. Parecia não haver outra saída a não ser aceitar a hospitalidade dele.

Mas seria nos seus termos.

— Tente encostar um dedo em mim para ver o que acontece — ameaçou.

Jake recuou.

— Um cavalheiro texano não ousaria tocar numa dama contra a vontade dela.

— Um cavalheiro também não deixa a noiva esperando sozinha até ele resolver aparecer — retrucou Tess.

Se ele percebeu o sarcasmo na voz dela, não demonstrou. Ignorando por completo o comentário, acenou com o chapéu na direção da charrete.

Jake observou a delicadeza dos ombros de Tess enquanto ela se dava conta da situação em que se encontrava. A expressão de desalento dela e seu silêncio o fizeram se sentir mais culpado do que se ela irrompesse em lágrimas, o que só o teria irritado e o feito perder a paciência.

Sem saber o que dizer, ele simplesmente pegou a pequena mochila que parecia ser toda a bagagem dela. Tess agarrou-a com força, como se ele estivesse tentando roubá-la, mas Jake deu um puxão firme, e ela por fim a soltou.

Ele seguiu adiante e colocou a bagagem na parte de trás da charrete. Virou-se para ajudá-la, mas ela já havia subido. Então soltou as rédeas e sentou-se ao lado dela. Estalou a língua e o cavalo tomou o rumo de casa.

— O seu rancho fica muito longe? — perguntou Tess.

— Fica oito quilômetros ao norte, e não é um rancho, é uma fazenda.

— Ah... E qual é a diferença?

Ele a olhou de soslaio para ver se estava sendo irônica, mas não havia malícia em seu rosto. Os olhos verdes brilhavam de curiosidade.